

Seção de Livros

KGB:

O Ninho das Andorinhas

Condensação de "KGB", de
John Barron



KGB:

O Ninho das Andorinhas

John Barron

Ao reunir dados para seu relato sôbre o KGB, os redatores do *Reader's Digest* estudaram cêrca de 70 exemplos de tentativas soviéticas para aproveitar-se de estrangeiros em Moscou. Êsses exemplos mostram que o KGB—o gigantesco órgão de informação através do qual é comandada tôda a vida na U.R.S.S.—reiteradamente seduziu, drogou, espancou e incriminou falsamente visitantes para obrigá-los a cometer traição. Ao fazê-lo, êle aperfeiçoou velhos truques da espionagem convertendo-os em nova e mortífera arte. As chocantes e sórdidas revelações dêsses métodos bizarros adiante registrados só podem deixar uma sensação de ultraje no leitor.

Nesta condensação, *Seleções* aborda sobretudo a armadilha sexual em que foi apanhado um embaixador francês. Os detalhes dessa operação permaneceram em segredo durante anos. Sômente nos últimos meses, graças a exaustivas pesquisas e entrevistas, *Seleções* pôde romper essa muralha de sigilo. É o mais espetacular e revelador de todos os casos, narrado na íntegra por ter sido o único em que se conseguiu penetrar no próprio KGB. Os alvos desta operação por acaso foram franceses. Poderiam, com igual facilidade, ter sido diplomatas de qualquer outra nacionalidade.

Especialistas em contra-informação, que diàriamente têm de fazer face aos planos soviéticos contra visitantes estrangeiros, crêm que o mundo deve agora conhecer o que o KGB fêz com os franceses em Moscou. Diz um respeitado chefe de serviço de segurança europeu: "Inevitavelmente a publicação desta narrativa acarretará constrangimento pessoal para umas quantas pessoas. Acredito, porém, que servirá para salvar muitas outras de uma tragédia pessoal."

NUMA SUAVE noite de setembro, um russo de meia-idade saiu sorrateiramente de um hotel londrino de terceira classe onde estava hospedado com uma delegação de turistas soviéticos. Escondidos no estôjo de material de barba levava microfilmes de anotações que fizera durante muitas noites em Moscou. Sabendo que só dispunha de poucos minutos até ser descoberta sua ausência, o russo atravessou apressadamente Bayswater Road e desapareceu no Hyde Park. Nessa noite, sólidamente protegido, começou a conversar com três funcionários do serviço de informação britânico. Seu nome: Yury Vasilyevich Krotkov. Ocupação até aquele dia: agente do KGB.

As revelações de Krotkov espantaram os britânicos. A consternação estendeu-se a Paris e Washington no dia seguinte com a chegada de mensagens urgentes da Inglaterra. Dentro em pouco um funcionário graduado da contra-informação francesa surgiu em uma casa comum de uma rua transversal de Londres para ser pessoalmente pôsto a par da situação pelos ingleses. O francês ficou tão alarmado que voou de regresso a Paris no mesmo dia. Decidido a transmitir o que apurara ao mais alto nível possível, conseguiu uma audiência confidencial com um assessor do Presidente Charles de Gaulle. Pouco depois de Gaulle deu uma ordem pessoal: apurar a verdade tôda, seja ela qual fôr.

Os melhores e mais acreditados

homens de contra-informação franceses iniciaram um amplo inquérito. Metódicamente reconstruíram em detalhes uma maquinação do KGB dirigida contra o âmago da França. Sua enormidade e complexidade espantaram mesmo os especialistas ocidentais que conhecem a mortífera capacidade do KGB.

Apoiado pelo então Secretário do Partido, Nikita S. Khrushchev, segundo os investigadores franceses descobriram, o KGB se propusera a conseguir uma forma de ocultamente controlar o embaixador francês em Moscou por meio de uma armadilha sexual. Dúzias de conhecidos artistas e intelectuais soviéticos controlados pelo KGB participaram do esquema. A êles se juntaram mais de 100 funcionários—agentes e mulheres do KGB experimentados em sedução. A operação daí resultante constituiu um sítio da embaixada francesa e conduziu um honrado francês à morte. Além disso, a tentativa do KGB de apanhar o embaixador já estava perigosamente adiantada quando o trãnsfuga soviético divulgou-a.

A descoberta da intriga soviética, está claro, liquidou-a de vez. Além de estigmatizar vidas e matar um homem, os anos de depredações do KGB contra a embaixada francesa no final de contas pouco realizaram. Assim, essa operação do KGB em particular não culminou em uma grande traição que alterasse a história. Ela é, contudo, de grande importância contemporânea, pois pro-

porciona aos ocidentais uma visão sem precedentes, de dentro do KGB, dos métodos subversivos utilizados contra diplomatas, jornalistas, intelectuais e turistas estrangeiros de tôdas as nacionalidades. E demonstra claramente a imensidão de recursos que o sistema soviético se dispõe a investir em chantagem moral.

Um Dossiê Secreto

A DATA precisa em que o KGB iniciou o sítio contra os franceses não pode ser fixada. Mas é certo que num dia incomumente quente de junho de 1956 Yury Vasilyevich Krotkov foi convocado a um confortável quarto do Hotel Moskva para um encontro com seu chefe do KGB. Através dos anos Krotkov participara de tantas operações do KGB que se julgava imune a surpresas. Mas as primeiras palavras abruptas do Coronel Leonid Petrovich Kunavin encheram-no de pânico: "Temos uma nova missão—o embaixador da França!" Kunavin anunciou cheio de empáfia: "Vamos apanhá-lo não importa quanto isso demore."

Evidentemente alvoroçado, Kunavin pretendia impressionar Krotkov com o desafio da nova missão. "Eu lhe digo, nunca houve uma operação nesta escala", falou. "A ordem vem lá de cima mesmo. O próprio Nikita Sergeyeovich quer o homem."

Um grandalhão de cabelo castanho, duros olhos côr de avelã, rosto truculento de camponês, Kunavin

era famoso por sua implacabilidade e dedicação. Uma vez, numa partida de futebol em Moscou, Krotkov virou-o surrar dois torcedores até deixá-los sem sentidos porque haviam xingado o time dêle. A paixão que consumia Kunavin era a intriga do KGB, a aparelhagem da polícia secreta e espionagem por meio da qual a União Soviética é governada.

—Pode dizer-me alguma coisa sobre êsse embaixador?—perguntou Krotkov.

—O nome dêle é Maurice Dejean—disse Kunavin.—Sabemos tudo o que é preciso a respeito dêle.

O KGB sabia um bocado de coisas. Desde os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, quando Dejean serviu em cargo importante no Govêrno da França Livre do General Charles de Gaulle em Londres, os russos vinham organizando um dossiê sôbre êle. O KGB calculara acertadamente que de Gaulle permaneceria por longo tempo como fôrça decisiva nos negócios franceses, e estava intensamente interessado em quem quer que pudesse ser manobrado para influenciar qualquer político importante.

O arquivo sôbre Dejean aos poucos foi crescendo enquanto agentes soviéticos lentamente enviavam relatórios de Nova York, Paris, Londres e Tóquio, onde Dejean servira como diplomata. Desde que o embaixador chegou a Moscou, em dezembro de 1955, o KGB submettera-o e a sua mulher, Marie-Claire, a uma incessante vigilância. Micro-

fores ocultos no apartamento dêles e na embaixada registravam suas palavras mais íntimas e menos comedidas. O motorista russo fornecido pelo Ministério do Exterior soviético ao embaixador era um informante treinado do KGB, assim como a criada pessoal de Madame Dejean.

De tôda essa atenta observação o KGB não percebeu em Dejean a mínima disposição para ser desleal à França. Mas notou que aos 56 anos de idade êle conservava um vigoroso interêsse por mulheres, interêsse que os agentes já haviam detectado em seus postos anteriores. Para o KGB isso tornava-o candidato natural a uma armadilha.

O KGB pretendia fazer de Dejean um "agente de influência"—o mais subversivo de todos. O agente de influência não rouba documentos, recruta informantes ou se engaja nas atividades corriqueiras de espionagem. Em vez disso, orientado por ordens secretas de Moscou, êle explora seu cargo oficial para alterar a política de sua própria pátria segundo os interêsses da União Soviética. Se é uma figura poderosa no govêrno, sua influência pode conseguir mais do que uma legião inteira de espões comuns. No caso de Dejean, o KGB e Khrushchev esperavam que um dia êle voltaria a Paris e penetraria nos mais altos círculos da França, onde poderia ser empregado para desvirtuar sua orientação política.

"Temos uma imensa responsabilidade agora", disse Kunavin a

Krotkov, "e muito vai depender de você. Mas, no momento, tudo o que eu quero é que você ponha em ordem seus assuntos pessoais. Uma vez começado, temos de concentrar-nos nisso acima de tudo."

Filho do KGB

A SEDUÇÃO do embaixador foi atribuída à Segunda Chefia, o mais obscuro núcleo do KGB. A essa divisão é confiada a mais importante missão do KGB—a repressão do povo soviético no interêsse da ditadura comunista. A Segunda Chefia descende diretamente da repartição que dirigiu os assassinatos e expurgos em massa da era de Stalin. Hoje ela assegura o contrôle do Partido Comunista sôbre a ciência, educação, artes, tribunais, igreja e imprensa. Sustenta o sistema por meio do qual o Estado determina onde cada cidadão soviético pode morar e trabalhar, e mantém a vasta rêde de informantes e provocadores que infestam tôda instituição, fazenda e fábrica—praticamente todos os quarteirões de tôdas as áreas urbanas.

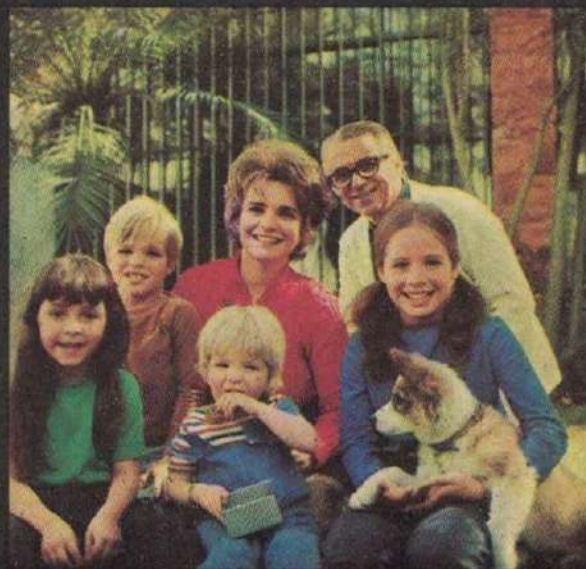
Embora primordialmente concentrada na subjugação permanente do povo soviético, a Segunda Chefia também visa a subverter estrangeiros que se aventurem na União Soviética. Basicamente ela procura atrair visitantes para uma determinada atividade ilegal, de preferência escapadelas sexuais ou mercado-negro. Ao tocaiar um estrangeiro, o KGB não é atrapalhado por quaisquer restrições legais; pode instan-

tâneamente convocar qualquer segmento da sociedade soviética. Pode dar ordens a órgãos estatais para realizar qualquer cerimônia, providenciar qualquer apresentação ou passar à sua disposição quaisquer pessoas. Pode apropriar-se de apartamentos, quartos de hotel, leitos de vagões-dormitórios, restaurantes—o que quiser. Tão disseminado é o temor ao KGB que êle pode ter à sua disposição para uma determinada maquiagem os serviços de quase qualquer cidadão soviético, seja um trabalhador braçal ou intelectual.

Yury Krotkov era um astro do KGB na preparação de armadilhas. Desde a Segunda Guerra Mundial êle tentara atrair dúzias de funcionários e jornalistas para vários gêneros de armadilhas—inclusive diplomatas dos Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, Canadá, França, Índia, México, Paquistão e Iugoslávia.

Krotkov era realmente um teatrólogo e roteirista de cinema. Mas desde a infância sua vida estava entrelaçada no KGB. Cresceu em Tbilisi, na Geórgia, onde o pai era artista e a mãe atriz. Em 1936 o pai pintou um retrato de Lavrenti Beria, que então chefiava o Partido Comunista na Geórgia. Beria gostou tanto do seu trabalho que, após Stalin o ter elevado à direção do KGB, cópias dêsse retrato foram dependuradas por tôda a União Soviética. Até à morte do artista, Beria permaneceu como seu protetor.

Chegando a Moscou para estudar



Cascolar Júnior. Excelente para trabalhos escolares. Não mancha a roupa. É lavável com água e sabão.

Cascolar. Para decoração, confecção de pacotes e outras colagens leves.

Cascola. Adesivo para uso em superfícies flexíveis. Ideal para colar sapatos, cintos, bôlsas.

Cascopox. Superadesivo. Para ser usado em consertos de superfícies rígidas como cadeiras, vasos, etc.

Cascohobby. Adesivo permanente. Para montagem de aeromodelos, brinquedos em miniatura, colagens, maquetes, etc.

Cascofio. Fita plástica para isolar fios e cabos de ferramentas.

Cascofit. Fita adesiva, transparente ou colorida. Para pacotes e decoração.

NÔVO E EFICIENTE TRATAMENTO DAS HEMORRÓIDAS!

ALIVIA A DOR
ELIMINA A IRRITAÇÃO
CICATRIZA



Resultados positivos sem recorrer à operação - A ciência agora coloca ao alcance de todos um meio moderno e eficiente no tratamento das hemorróidas, que combate eficazmente a hemorragia e a irritação, mesmo nos casos graves.

Alívio imediato da dor - À base de Extrato Sêco de Levedura Ativa e Vitamina A, o Preparado H alivia a dor e renova os tecidos lesados.

Dispensa o uso de adstringentes - Total eficácia, mesmo em casos crônicos, sem auxílio de adstringentes.

Não deixe o mal tornar-se crônico! Comece o tratamento



o quanto antes,
e comprove os resultados positivos
que obterá.

O Preparado H encontra-se à venda, em forma de Pomada ou Supositório, em tôdas as Farmácias e Drogarias.

Literatura, Krotkov naturalmente procurou os antigos amigos da família no KGB e não teve dúvida em pedir-lhes auxílio. Evacuado com os colegas de turma quando os alemães ameaçaram dominar a cidade em 1941, voltou 18 meses depois para tomar conhecimento de que uma família se apossara de seu quarto. Apelou para o KGB, que sumariamente despejou a família. Também ajudou-o a arranjar um emprego na Agência Tass e, posteriormente, na Rádio Moscou.

Quando o trabalho de Krotkov em 1946 começou a proporcionar-lhe razões plausíveis para travar conhecimento com estrangeiros, o KGB aproximou-se d'ele e, aos 28 anos de idade, êle voluntariamente alistou-se na legião de agentes que existem infiltrados em todos os escalões da sociedade soviética. Continuava livre para prosseguir em sua carreira literária. Com efeito, o KGB desejava que se saísse bem, pois quanto mais avançasse mais útil poderia vir a ser. Mas, a partir daí, nunca mais estaria completamente livre do KGB.

Como escritor, intelectual e amigo da família de Boris Pasternak, Krotkov foi bem recebido pelos estrangeiros em Moscou. Alto, esguio, com uma bonita cabeleira escura e um rosto intenso e expressivo, podia falar suavemente em inglês ou russo sobre artes, História e preeminentes personalidades soviéticas. Em breve aprendeu a explorar a sêde dos visitantes ocidentais por comunicação com o povo russo.

Entrementes, Krotkov recebeu ordens para procurar m^oças atraentes que o KGB pudesse utilizar para tentar atrair estrangeiros a situações difíceis. Êle as escolheu principalmente entre atrizes a quem conhecia quando escrevia roteiros para filmes. O KGB oferecia-lhes diversos engodos: a promessa de melhores papéis, dinheiro, roupas, uma certa dose de liberdade e alegria ausentes da vida soviética normal. As garôtas recrutadas eram conhecidas dentro do KGB como "andorinhas". Para finalidades operacionais era-lhes permitido o uso temporário de um "ninho de andorinhas"—dois apartamentos conjugados contíguos. Num dêles a m^oça divertia o estrangeiro a quem deveria comprometer. No outro, técnicos do KGB registravam em filmes e fita magnética o que acontecia na alcova.

Mosqueteiros Russos

DOIS DIAS após anunciar a operação, Kunavin chamou Krotkov para receber mais detalhes. "O embaixador é o alvo principal", explicou Kunavin, "mas também estamos interessados no adjunto do Adido de Aeronáutica da embaixada, o Coronel Louis Guibaud. Seu objetivo é Madame Dejean. Você tem de adquirir contrôle sôbre ela; torne-a nossa. Você tem de levá-la para a cama." Essa era estratégia padrão do KGB. Se conseguisse controlar as espôsas, o acesso aos maridos seria muito mais fácil. Caso tivesse sucesso em subverter ao mesmo tempo

marido e mulher, poderia transformá-los numa poderosa equipe para traição.

Krotkov nem sempre compreenderia a razão por trás de suas ordens, alertou Kunavin. "Êste é um ataque coordenado. Enquanto você está agindo sôbre Madame Dejean, outros estarão cuidando do embaixador. Quando a hora chegar, tudo se entrosará bem. Você verá. Temos em mente algo especial."

Kunavin acentuava sempre a necessidade de avançar vagarosa e cautelosamente, fazendo com que todos os contatos com os franceses parecessem naturais. "Há uma coisa a nosso favor", comentava êle. "Dejean realmente está tentando cumprir sua missão. Êle quer andar no meio do povo—e a mulher está procurando auxiliá-lo. Êle realmente quer ser amigo." Kunavin pôs-se a rir. "Bem, nós mostraremos até que ponto nossas garôtas sabem ser amistosas."

Kunavin forneceu detalhes sôbre o passado do embaixador e de Madame Dejean, reiteradamente citando conversas gravadas por microfones soviéticos. "Ela não é nenhuma tôla", preveniu Kunavin. "Ela vigia constantemente o embaixador e procura protegê-lo. Essa é outra razão por que precisamos conseguir um meio de mandar nela."

Poucos dias depois, Kunavin apresentou Krotkov ao agente do KGB selecionado para seduzir Ginette Guibaud, espôsa do adjunto do Adido de Aeronáutica. Era Mi-

sha Orlov, um ator e cantor idolatrado pelos adolescentes de Moscou. Um gigante de traços ciganos, Orlov era freqüentemente empregado para seduzir mulheres estrangeiras. Também presente à terceira reunião achava-se Boris Cherkashin, um agente do KGB que então passava por um jovem diplomata de nome Karelin.

Disfarçados de solteiros em férias, Cherkashin e Orlov, uns dois meses antes, haviam sido mandados seguir um grupo de espôsas francesas que iam para um local de veraneio no Mar Negro. Seguindo um plano pré-combinado, os dois russos "acidentalmente" travaram conhecimento com Madame Dejean. Posteriormente, em Moscou, Cherkashin começou a vê-la em atos oficiais. Finalmente o KGB achou que êle já estava suficientemente íntimo para convidá-la a sair com "amigos", para que Krotkov a conhecesse. Após consultar o marido, Madame Dejean aceitou o convite, acrescentando que levaria Madame Guibaud e a filha de um outro adido.

Kunavin e Krotkov planejaram o passeio em seus mínimos detalhes, requisitando um cúter da polícia num quartel da milícia no Reservatório Khimki, levando como piloto um gordo policial. O cúter foi limpo e polido. Vinhos, queijos, frutas e docinhos especiais foram encomendados a lojas do KGB, e foi preparado um excelente *shashlik* para ser assado nas brasas.

Krotkov teve a primeira oportunidade de falar com Madame Dejean quando ela chegou ao cais fluvial e foi apresentada por Cherkashin. Ela exclamou:

—Que lindo barco! É seu?

Krotkov sorriu e respondeu, como se confidenciando:

—Um amigo meu é funcionário da Administração dos Esportes. Empréstei-lhe meu carro para as férias dêle, de modo que me devia um favor . . . Quero ter o prazer de mostrar-lhe a embarcação.

Enquanto o cúter aumentava a velocidade pelo rio afora (segundo o itinerário predeterminado pelo KGB) e Orlov cuidava de Madame Guibaud, Krotkov palestrava com Madame Dejean.

—Conte-me suas impressões da União Soviética—êle falou.

—Estamos encantados—ela respondeu.—Tôdas as autoridades têm sido muito gentis conosco.

—A senhora deve achar Moscou bastante sem graça em comparação com Paris—disse Krotkov.

—Adoro Paris, naturalmente—ela retrucou.—Mas Moscou também é uma ótima cidade. Há grandeza aqui também.

Franzindo a testa, Krotkov abaixou a voz e afetou grande sinceridade:

—Pretende que eu acredite que gostou de tudo o que viu?

Madame Dejean meditou um momento antes de responder:

—Sou uma hóspede aqui. Não viemos para criticar. Viemos para



ajudar nossos países a serem amigos.

—E espero que tenha êxito—revidou Krotkov.—Mas devemos ser honestos e é melhor dizer-lhe que há muita coisa na realidade soviética que eu detesto. Como escritor, gostaria de saber se vemos a mesma realidade.

—Já que o senhor insiste—respondeu delicadamente Madame Dejean.—Choca-me uma diferença entre a França e a União Soviética. Uma conversa animada e um copo de vinho podem levar um francês à beira de uma revolução. Seu povo parece-me disposto a tolerar tudo. Acho muito triste quando as pessoas perdem sua capacidade de sentir-se ultrajadas.

—Vejo que você e eu vamos ser bons amigos, disse Krotkov.

O cúter deslizou encostando num pequeno cais em uma ilha deserta, pastoral, perto do Reservatório Pestovskove. Os agentes e suas con-

vidadas francesas exploraram a ilha, nadaram e almoçaram a deliciosa comida. Madame Dejean insistiu que o policial-pilôto aderisse ao grupo e pessoalmente grelhou um espêto para êle.

Com os ânimos aquecidos pelo vinho e pelo conhaque, o grupo riu e cantou na viagem de regresso. Orlov, um tanto bêbedo, dançou na pôpa e motivou grande hilaridade ao quase cair na água. No cais, Madame Dejean disse: “Vocês são três

excelentes mosqueteiros russos e lhes somos devedores de um encantador passeio. Quero retribuir sua delicadeza. Virão à nossa recepção do Dia da Bastilha? É a 14 de julho.”

Grupo Íntimo

O KGB considerou êsse convite um triunfo. Cherkashin, conforme planejado, apresentou desculpas, mas Krotkov e Orlov chegaram e foram calorosamente recebidos por Madame Dejean. Ela imediatamente apresentou-os ao marido, que lhes deu as boas-vindas cordialmente em russo passável. Krotkov vacilou interiormente ante a honestidade da saudação.

Conquanto o embaixador não fôsse alto nem especialmente bonito, sua classe era evidente, efeito êsse acentuado por olhos azuis vivos, pele saudável e cabelo ligeiramente grisalho. Krotkov observou atenta-

mente quando, mais tarde, Dejean e Khrushchev bebêram champanha e trocaram piadas, ocasionalmente dando palmadas nas costas um do outro, em meio a gargalhadas.

Enquanto os convidados circulavam em tórno de um elegante bufê, Ginette Guibaud conduziu Krotkov e Orlov até ao marido dela. Um homem de compleição forte, falava um inglês rigidamente correto e encarou os dois russos friamente, até mesmo com certo desdém. Constrangido diante dêle, Krotkov concluiu que Guibaud era um militar com pronunciado sentimento de dever e que não seria prêsã fácil para o KGB.

Entretanto, a noite terminou bem para Krotkov. Ao sair, tanto Madame Dejean como Madame Guibaud tinham concordado com outro piquenique na semana seguinte.

À medida que a relação entre Krotkov e Madame Dejean progredia, o KGB tomava providências complicadas para abrir uma segunda frente contra o embaixador. Essa era uma parte essencial do plano inicial, e exigia a introdução no ambiente da embaixada francesa do homem responsável pela operação tôda—o Tenente-General Oleg Mikhailovich Gribanov, comandante da Segunda Chefia.

Atarracado e com calvície adiantada, de calças largas e óculos, Gribanov parecia um burocrata soviético comum. Na verdade êle era um pensador audacioso e um dos sete ou oito homens mais impor-

tantes do KGB. Por seu trabalho ao efetuar prisões em massa durante a revolução húngara, Gribanov (como Kunavin) havia sido condecorado “por serviços distinguidos ao socialismo”. Sua inteligência brilhante e calculista e personalidade avassaladora tinham-lhe granjeado o apelido de “Napoleãozinho”.

Para iludir os Dejean a fim de ligar-se a êles, Gribanov assumiu a identidade de Oleg Mikhailovich Gorbunov, “importante funcionário do Conselho de Ministros”. Equipou-se também com uma “espôsa”, a Major do KGB Vera Ivanova Andreyeva. Em seguida concebeu uma trama complicada para travar relações com os Dejean de maneira que estas parecessem se desenvolver naturalmente. Foram selecionados para a apresentação dois preeminentes agentes—Sergei Mikhailkov, escritor e co-autor do hino nacional soviético,* e sua espôsa, Natalia Konchalovskaya, popular autora de histórias infantis. Em uma recepção diplomática, êles apresentaram Vera como “Madame Gorbunova, tradutora do Ministério da Cultura e espôsa de um alto funcionário do Conselho de Ministros”.

Roliça e matronal, Vera falava bem francês, tendo servido ao KGB na França, e suas lisonjeiras reminiscências da França imediatamente cativaram os Dejean. Vera também falou bastante a respeito de seu

* Em março dêste ano o agente Mikhailkov tornou-se presidente da União dos Escritores da República Russa.

“marido”, descrevendo-o como um assoberbado confidente da liderança soviética—exatamente o tipo de homem que um embaixador gostaria de conhecer. Assim, os Dejean ficaram encantados em aceitar um convite dos Gorbunov para jantar.

Para entreter o embaixador, o KGB requisitou e mobiliou luxuosamente um espaçoso apartamento que seria a residência em Moscou dos Gorbunov. Mais importante ainda, o então Diretor do KGB, Ivan Serov, emprestou a Gribanov-Gorbunov sua dacha a 20 quilômetros da cidade, uma grande casa de campo antiga, construída de toros com pórticos e janelas entalhadas. Esse veio a ser o cenário de muitas festas agradáveis nas quais os Gorbunov apresentaram os Dejean a um grupo íntimo de escritores, artistas, atôres, atrizes e “funcionários”. Praticamente todos eram “andorinhas” ou agentes. Ocasionalmente, Gribanov também confienciava informes corretos, calculados de maneira a serem úteis ao embaixador, enquanto Vera principiou a condicionar Madame Dejean a separações do marido, levando-a para passeios fora da cidade “para conhecer o país”.

Três Andorinhas

AO MESMO tempo Krotkov continuou a cultivar Madame Dejean com sua própria equipe de agentes. Mas a intimidade física desejada pelo KGB nunca surgiu entre eles. E durante um almôço no aparta-

mento de Madame Guibaud, Orlov bebêra tanto que caiu num profundo sono cheio de roncos. Os microfones do KGB registraram o suficiente do episódio para obrigar um enraivecido Gribanov a banir permanentemente Orlov da operação.

Assim, no comêço de 1958—uns 18 meses após ter sido iniciado o sítio—nenhum dos planos iniciais do KGB para seduzir os franceses tinha tido sucesso. Mas um instrumento valioso fôra criado com a amizade entre Krotkov e Madame Dejean. Gribanov agora decidiu explorá-lo mandando Krotkov providenciar uma armadilha para Dejean. Começou a procurar a mulher certa.

Gribanov escolheu Lydia Khovanskaya, uma divorciada de farto busto, sensual, com olhos de corça e cêrca de 33 anos. Ela adquirira costumes ocidentais e um excelente domínio do francês em Paris, onde seu ex-marido servira como diplomata. Para insinuá-la no círculo de Dejean, Gribanov aproveitou-se do desejo genuíno do francês de melhores relações culturais. Êle “solicitou” ao Ministério da Cultura uma exibição do filme do balé *Giselle* a fim de convidar o embaixador e seus principais auxiliares, ostensivamente para conhecerem destacadas personalidades do cinema soviético. Krotkov foi feito mestre-de-cerimônias, e organizou uma relação de convidados russos que receberam ordem de comparecer.

Nela aparecia o nome “Lydia Khovanskaya—tradutora”. Para melhorar a decoração o KGB arrebanhou uma dúzia de bailarinas do Bolshoi, incluindo a famosa Maya Plisetskaya.

Na exibição, que teve lugar numa velha mansão da Alamêda Gnezdnikovski, Lydia, recém-penteada e perfumada, sentou-se ao lado de Dejean. Diversas vezes durante a projeção encostou-se ligeiramente nêlo ou roçou o cabelo no rosto dêle enquanto se enclinava para sussurrar traduções do diálogo. Depois, contudo, ela arditamente transferiu o encargo para Krotkov e dedicou-se a traduzir para Madame Dejean.

Três dias depois Krotkov telefonou para Madame Dejean na embaixada e deu jeito de arranjar outro encontro entre o marido dela e Lydia.

—Vou oferecer um jantar na sexta-feira—começou êle.—Meus amigos ficaram muito impressionados com o embaixador e seria grande honra para mim se conseguisse convencer vocês dois a virem.—A seguir, acrescentou:—A propósito, Marie-Claire, comecei a trabalhar numa produção franco-soviética do filme *Dubrovski*. Não me faria mal algum ser visto com o embaixador.

—Oh, estou certa de que êle aceitará com prazer, Yury—respondeu ela.

O KGB reservou o salão principal do Restaurante Praga e planejou um jantar espetacular. Con-

quanto a finalidade primordial da noitada fôsse dar a Lydia uma nova oportunidade de estar com o embaixador, Kunavin e Krotkov decidiram oferecer-lhe duas outras andorinhas como alternativas. Escolheram Nadya Cherednichenko e Larissa Kronberg-Sobolevskaya, ambas atrizes, estonteantes louras



de menos de 30 anos. Krotkov conhecia-as bem.

Meia hora antes do jantar Kunavin espalhou funcionários do KGB pelo restaurante a fim de vigiar a festa e assegurar que esta não fôsse perturbada. As três andorinhas estavam radiosas. O teatrólogo George Mdivani, outro artista muito conhecido que trabalhava com o KGB, estabeleceu um ambiente de irreverente frivolidade com brindes espirituosos fazendo pouco do socialismo. Dejean comportou-se co-

mo diplomata exemplar e afável, animado de acôrdo com a ocasião. Estimulado pelas lindas mulheres, êle dançou com tôdas. Apreciou tanto a noitada que convidou a todos para jantarem na embaixada na semana seguinte.

“Êles Conseguiram!”

NA NOITE do jantar na embaixada os Dejean foram anfitriões tão simpáticos e fascinantes que quase fizeram Krotkov, Mdivani e as três andorinhas esquecerem-se da sua verdadeira missão. Genuinamente contentes por estarem entre russos a quem consideravam amigos, os Dejean acompanharam seus convidados pela embaixada, magnificamente mobiliada com antiguidades francesas. Ouvindo música clássica e bebericando champanha após terem jantado perdiz, Dejean flertou com cada uma das andorinhas, lisonjeando-as com perguntas a respeito de suas vidas particulares.

Krotkov não podia discenir qual das môças tinha maiores probabilidades de êxito. “Acho que é Lydia”, disse Kunavin após estudar o relatório que êle fêz do jantar. “Temos de descobrir um meio de deixá-los a sós.”

Pouco depois Vera convidou Madame Dejean para acompanhá-la em uma viagem. Krotkov telefonou a seguir para o embaixador.

—Há um artista da Geórgia, Lado Gudiashvili, velho amigo de minha família, que está expondo aqui —falou êle.—Êle passou tempos co-

mo estudante em Paris e a vida inteira amou a França. Agora está muito velho e significaria demais para êle se o senhor pudesse dar uma passada na exposição dêle no domingo.

—Certamente—replicou Dejean. —Creio ser meu dever comparecer.

O embaixador chegou à galeria em seu carro dirigido pelo motorista do KGB. Juntando-se a Krotkov e Lydia, Dejean automaticamente aceitou os préstimos dela como intérprete. Dejean cumprimentou generosamente o venerável pintor, que de há muito se achava em desfavor oficial com sua obra romântica e sem “realismo socialista”.

Quando Dejean se preparava para partir, Lydia disse-lhe:

—Senhor Embaixador, seria demais pedir-lhe para me deixar em meu apartamento?

—Seria uma honra—respondeu êle.

Ao chegarem, ela perguntou:

—Gostaria de subir para tomar uma xícara de café e ver como vive uma mulher soviética comum?

Quando Dejean saiu do apartamento, conforme seu chofer cuidadosamente observou, tinham-se passado quase duas horas.

Mas Kunavin já recebera notícias de Lydia.

—Sim, eu sei. Êles conseguiram! —falou triunfantemente.

O KGB não pensara em tentar chantagear Dejean baseado em uma única tarde com Lydia. Por enquanto visava simplesmente a cimen-

tar a ligação e fazê-lo sentir que se estava saindo bem na conquista de uma mulher bonita. Desejava persuadi-lo de que podia engajar-se em um "caso" em Moscou tão bem quanto em Paris, Londres ou Washington.

—Fortaleça sua relação aos poucos—Kunavin ordenou a Lydia—mas não dê impressão de estar muito fácil durante algum tempo.

Lydia desincumbiu-se impecavelmente da tarefa. Nas festas da embaixada, para as quais os membros da turma de Krotkov eram cada vez mais convidados, ela permaneceu amigável mas respeitosa para com o embaixador. Lisonjeando Madame Dejean, Lydia tornou-se tão boa amiga que normalmente se beijavam sempre que se encontravam—embora ela privadamente recebesse o embaixador com ardor e afeição.

Uma Mudança de Plano

EM MAIO de 1958 a operação contra os franceses assumiu um imenso significado novo aos olhos do KGB. Agentes soviéticos em Paris informaram que dentro de poucas semanas Charles de Gaulle quase certamente seria designado Primeiro-Ministro da França. Presumindo que Dejean ainda era da intimidade de de Gaulle, o KGB raciocinou que as probabilidades de êle ascender a uma posição influente no governo eram bem maiores do que antes. "Isto era importante", falou Kunavin jubiloso para Krotkov.

"Agora é 10 vezes mais importante."

Quando Krotkov viu Dejean na embaixada em junho, os dois estavam eufóricos. Dejean propôs entusiásticos brindes a de Gaulle e à nova era de grandeza que êste prometia para a França. Embora nunca aludisse a seus laços pessoais com o general, sem dúvida achava que a ascensão de de Gaulle anunciava para êle também uma nova era.

Krotkov esperava agora que o KGB fechasse em breve o cêrco contra Dejean. Por isso ficou estupefato quando Kunavin anunciou:

—Vamos ter de retirar Lydia da operação.

—*O quê?!*—exclamou Krotkov.

—Houve um engano—disse Kunavin calmamente.—Nesta operação precisamos de um marido. Dejean tem de crer que a môça é casada, para que dê certo o que temos em mente. Infelizmente o marido de Lydia era muito conhecido em Paris e há umas quantas pessoas na embaixada francesa que provavelmente sabem que êles estão divorciados.

—Mas, raios, por que ninguém pensou nisso antes?—explodiu Krotkov.

—Não adianta lamentar agora—replicou Kunavin.—O fato é que temos de recomeçar tudo.

Kunavin informou a Lydia que ela precisava romper relações com Dejean. Êle e Gribanov pessoalmente deram instruções à sua substituta, Larissa Kronberg-Sobolevs-

kaya—que era chamada Lora. Segundo a lenda criada pelo KGB para ela, Lora era uma atriz casada com um geólogo. Ela explicou sua ausência contando aos Dejean que o trabalho exigia que êle passasse grande parte do ano em explorações no campo.

Lora era a mais espetacular de tôdas as andorinhas. Pernas longas e sedutoras, lindo rosto e uma gargalhada obsessiva, ela era uma vagabunda. Nem o KGB conseguiu subjugar completamente o seu espírito selvagem e desafiador. Não dispunha de permissão oficial para residir em Moscou, o que significava que não podia arranjar um quarto. Por isso ela vivia constantemente sujeita a exílio, derivando de uma aventura para outra. Ocasionalmente bebia demais, às vezes aparecendo em público impudicamente embriagada e meio despida.

—Uma vez pelo menos—disse Griбанov—você tem de obedecer rigorosamente às ordens. Você não deve fazer nada que não tenha sido planejado e aprovado.

Lora sorriu e, olhando-o bem nos olhos, falou:

—Não preciso que me digam como lidar com um homem.

Reprimindo a raiva, Griбанov casualmente deu o recado que o KGB achava que domaria Lora.

—Se você obedecer mesmo às ordens e sair-se bem, farei com que você obtenha um bom quarto. E veremos que esta seja sua última missão.

Lydia sumiu, enquanto Lora reapareceu em uma série de festas preparadas por Krotkov para o embaixador. Em fins de junho, após um lauto almoço na casa do Coronel reformado do KGB George Bryantsev, Lora sussurrou para Krotkov:

—Depressa! Leve-me para o apartamento. O embaixador pediu-me para encontrar-se comigo lá daqui a uma hora!

Nessa tarde Dejean iniciou um caso mais arrebatado do que a ligação que tivera com Lydia. Lora, que ardentemente dava amor na esperança de encontrá-lo, conquistou-o totalmente. Griбанov resolveu que chegara a hora de levar a cabo o que o KGB planejava há mais de dois anos. Turmas especiais de observação foram preparadas e técnicos do KGB instalaram transmissores de rádio no apartamento vizinho do que Lora usaria.

Um dia Krotkov telefonou para Dejean.

—Senhor Embaixador—falou—prometi a Marie-Claire que procuraria entretê-lo enquanto ela estiver fora. Que tal um piquenique amanhã? Levarei uma senhora que é minha amiga especial, e Lora e . . .

—Krotkov não chegou a terminar.

À menção de Lora, Dejean aceitou incontinenti.

Enquanto o embaixador aguardava com antecipação os prazeres de mais um encontro com Lora, Griбанov mobilizou sua equipe em um apartamento no Hotel Metro-

pole. Estavam presentes seu sub-chefe, Coronel Narses Mikhailovich Melkumyan, Kunavin, Lora, Vera e um robusto rufião do KGB chamado Misha. Ali êle deu suas instruções finais.

—Quero que vocês lhe dêem uma surra dos diabos—falou para Kunavin e Misha.—Para machucar de verdade. Deixá-lo aterrorizado. Mas previno a vocês que se deixarem uma só marca no rosto dêle porei os dois na cadeia. E, Lora, o mesmo se aplica a você se êle não estiver em seu apartamento às cinco horas. Isto tem de seguir rigorosamente o horário.

Nome de Código: “Kiev”

NA MANHÃ seguinte Krotkov e sua “amiga especial” Alla Golubova foram de carro para o campo, seguidos por Dejean com Lora—os dois carros permanentemente vigiados pelo KGB. Afinal, Krotkov parou em um bosque solitário numa encosta suave debruçada sôbre um córrego.

Durante o piquenique Lora representou seu papel de sedutora tão magnificamente que Alla disse de lado para Krotkov:

—Ôlho no embaixador. Êle está grudado nela como um gato diante de um prato de leite!

A quilômetros dali, no apartamento contíguo ao de Lora, Griбанov, Melkumyan, Kunavin e Misha recebiam continuamente relatórios irradiados por agentes do KGB ocultos no bosque. Misha, o “mari-

do” de Lora, e Kunavin, seu “amigo”, estavam vestidos como exploradores geológicos, até o pormenor dos sapatos com travas e mochilas. Misha trazia um buquê de flôres.

No meio da tarde Krotkov, preocupado com o rígido horário do KGB, sugeriu estar na hora de voltarem. A uns 15 quilômetros da cidade, pelo espelho retrovisor, percebeu que o carro do embaixador parava. Freou, saltou do automóvel e foi correndo até Dejean.

—Que aconteceu?

—Tudo está ótimo—disse Dejean com um largo sorriso.—Lora apenas resolveu agora que quer dar umas braçadas ali no lago.

Krotkov ficou ao mesmo tempo furioso e desvairado. Num esforço supremo de autodomínio, virou-se para Lora:

—Minha querida, por que uma linda garôta como você desejaria nadar em uma imunda banheira de gado?

Exibindo os efeitos do vinho que estivera bebendo no piquenique, Lora apenas riu dêle enquanto começava a tirar a roupa.

A notícia do capricho dela, transmitida pelo rádio do carro na espreita, enraiveceu Griбанov. Esbravejou caminhando de um lado para o outro no apartamento, berrando:

—Aquela marafona! Eu *sabia* que não deveria usá-la. Garanto-lhes que de agora em diante só vamos empregar mulheres de alta classe!

Lora estava apenas com a roupa de baixo e cada vez que vinha à

tona as peças molhadas grudavam-se ao corpo dela. Ela parecia pior do que nua.

—É melhor tirarmos o embaixador daqui antes que tenha um ataque de coração—sussurrou Alla.

A excitação gerada por Lora mais do que compensou o tempo perdido. Logo que entraram no ninho de andorinhas na Alamêda Ananyevski n.º 2, Dejean abraçou-a.

—Maurice, há uma coisa que me esqueci de lhe contar—falou Lora.—Recebi um telegrama de meu marido. Ele vem para casa amanhã...

Ouvindo os sons do apartamento de Lora, Gribanov impacientemente aguardava o sinal que serviria de deixa para Misha e Kunavin. “Por que ela não diz a palavra?”, murmurava repetidamente. Afinal, Lora pronunciou a senha: “Kiev.” Instantaneamente Misha, seguido por Kunavin, correu para o apartamento e destrancou a porta.

—É meu marido!—gritou Lora.

—Não posso acreditar!—bradou Misha.—Voei o dia inteiro só para estar

com você algumas horas mais cedo e olhe o que encontrei!

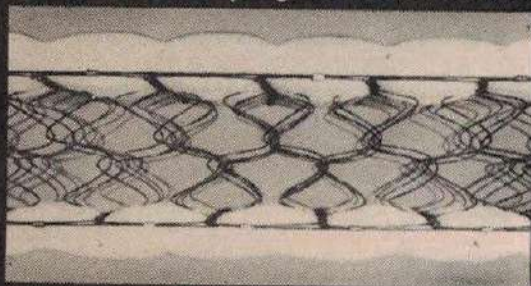
—Misha, por favor!—implorou Lora.—Ele é um embaixador.

—Raios que partam o que êle é!—rugiu Misha.—Vou dar-lhe uma lição.

Misha e Kunavin puseram-se a bater furiosamente em Dejean. Kunavin, que detestava tudo o que fôsse francês, entregou-se à missão



Neste colchão seu corpo é bem tratado tôdas as noites. Porque Firmeza-Progressiva é um nôvo sono. É um sistema de molas em diagonal. Por isso, o pêso de seu corpo é distribuído diagonalmente. Fazendo com que maior número de molas entre, de forma progressiva, em ação.



O resultado é uma firmeza progressiva e controlada, que se ajusta a cada saliência do corpo humano. E êsse trabalho é feito a noite inteira, porque você muda de posição de 35 a 60 vêzes por noite, sem perceber. E a cada vez que você muda, regiões diferentes de seu corpo fazem pressão. Cada um dêsses movimentos é transmitido ao sistema Firmeza-Progressiva. E êle atende, tratando bem cada parte de seu corpo. É firme e confortável ao mesmo tempo. É o único colchão realmente fabricado como se fôsse sob especificação. Isto é, para cada tipo físico, para qualquer pêso. Exatamente: é ortopédico. Mas: é muito confortável. E seu estofamento é de fibra natural e ventilado. Não esquenta. Mude para um nôvo sono. Um sono com saúde e confôrto, sem preconceitos. Firmeza-Progressiva é a ilha do descanso e do confôrto, onde você vai repousar tôdas as noites. Compre a ilha. Visite o Revendedor Probel.

A ILHA DO DESCANSO E DO CONFÔRTO, NÔVO DIVINO FIRMEZA PROGRESSIVA.

A mais avançada descoberta
no campo do confôrto.

Probel

O sono é sagrado.

com gôsto. Lora também foi esta-
peada e esmurrada.

Lora deu uma exibição formidá-
vel, gritando e chorando:

—Parem! Vocês vão matá-lo! Êle
é o embaixador da França!

Finalmente, conforme planejado,
Kunavin agarrou Misha como para
contê-lo.

—Escute—disse—se êle é real-
mente embaixador, talvez seja me-
lhor pararmos.

—Êstá certo, está certo—concor-
dou Misha, ainda simulando fú-
ria.—Mas isso não terminará aqui.
Vou às autoridades. Sou um sim-
ples cidadão soviético, mas temos
leis em nosso país. Se você *fôr* em-
baixador, providenciarei para que
seja expulso. O mundo inteiro sa-
berá que porco imundo você é.

Entre ameaças Dejean apanhou
as roupas com o máximo de digni-
dade que as circunstâncias permiti-
am e retirou-se. Quase desmaian-
do no banco de trás do carro, disse
ao motorista:

—Para a embaixada.

O chofer, observando pelo espe-
lho, viu-o esconder o rosto nas mãos.

No ninho das andorinhas a cena
agora assemelhava-se a um vestiá-
rio de um time que acabava de ven-
cer um campeonato mundial. En-
quanto champanha se derramava
dos copos para o chão, Kunavin e
Misha bradavam parabéns um para
o outro e para Lora. Rindo aos ber-
ros, êles repetiram tôda a represen-
tação do que ocorrera para outros
agentes do KGB que se amontoa-

Blaupunkt é hipnótico.



Máquina nova, rádio novo. Rádio de som puro. Refinado. Hipnótico. Blaupunkt tem estas qualidades. Tem também transistores de silício que dão som imperturbável, recepção perfeita. Mesmo nas temperaturas mais elevadas.

Para chegar a essa perfeição, durante

muitos anos, nossos especialistas deram duro. E é por isso que Blaupunkt é ótimo para as condições do Brasil.

Pense bem e ponha Blaupunkt na sua máquina.

A fábrica dispõe de ampla assistência e distribuição em todo o país.

Seu Blaupunkt nunca vai sair da onda.



auto-rádio

BLAUPUNKT

SOLID STATE

um produto

BOSCH

ram ali vindos da rua e de outras partes do prédio.

Gribanov aderiu por pouco tempo à comemoração.

—Lora, eu também quero felicitá-la—disse êle com veemência.—Você foi simplesmente perfeita.

Apontando para as equimoses se formando no corpo, Lora olhou ferozmente para Kunavin e disse:

—Veja o que você me fez!

—Sinto muito—desculpou-se êle.

—Tinha de ser assim. Por favor, tire uns dias de folga e fique descansando na cama.

—E meu quarto?—indagou ela.

—Você me arranja o quarto?

—Sim, Lora. Você terá seu quarto.

“Eu Ficaria Obrigado”

PONTUALMENTE às oito daquela noite Dejean chegou à dacha de Serov, onde seria recebido por aquele mesmo homem que três horas antes presidira seu espancamento e humilhação. Dias antes Gribanov, desempenhando seu papel como Gorbunov, providenciara um jantar para logo após a cena da surra. O KGB queria dar a Dejean uma oportunidade de pedir a ajuda de que agora carecia desesperadamente.

Durante o jantar e depois, ao conhaque, o embaixador nada denunciou do que ocorrera, conquanto estivesse cheio de dores do tormento a que fôra submetido. Mais tarde nessa noite, entretanto, levou Gribanov para o lado e finalmente disse o que o KGB trabalhara tanto para levá-lo a dizer.

—Estou em sério apuro. Preciso de seu auxílio . . .

A seguir, narrou a verdade a respeito de sua relação com Lora e de tudo o que se passara no apartamento apenas algumas horas antes.

—Isto é extremamente grave—comentou Griбанov.—O marido tem a lei a seu lado. Se fôr ao tribunal, poderia provocar um bocado de escândalo.

—Eu lhe ficaria obrigado por qualquer coisa que pudessê fazer a êsse respeito—falou Dejean.

—Farei o que puder—respondeu Griбанov.—Contudo, Embaixador, devo ser franco. Não estou certo de conseguir abafar isso.

Griбанov manobrou com Dejean durante os próximos dias. Apelos estavam sendo feitos, informava êle, mas o marido era obstinado e irrazoável. Tudo estava pendente. Depois tranqüilizou o embaixador.

—Deu trabalho, mas creio que persuadimos o homem a ficar calado no interêsse das relações franco-soviéticas—declarou.—A menos que mude de idéia, estaremos bem.

Limiar da Traição

O KGB expressou sua apreciação a Krotkov num almôço incomum e elegante em sua honra no Restaurante Aragvi. Kunavin—por sua vez condecorado com a Ordem da Estrela Vermelha—e Melkumyan deram-lhe as boas-vindas e, como velhos generais recapitulando uma grande vitória, os três recordaram detalhes do projeto Dejean. Após o

almôço, Melkumyan ergueu-se e declarou oficialmente: “A operação foi uma das mais brilhantes jamais consumadas pelos órgãos de segurança do Estado. Sem sua contribuição decisiva, Yury Vasilyevich, é de duvidar que tivéssemos alcançado nosso objetivo.”

Melkumyan fêz uma pausa e tirou do bôlso um relógio de ouro com pulseira de ouro recentemente confiscado pelo KGB a um estrangeiro. “Em nome da Comissão de Segurança do Estado do Conselho de Ministros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tenho a satisfação de oferecer-lhe êste presente”, disse para Krotkov. “Considere-o um símbolo de nossa gratidão por sua patriótica atuação. Só lamentamos a impossibilidade de gravar nêle a razão do prêmio.”

A essa altura todos os principais participantes entendiam a amplitude da trama do KGB contra o embaixador. O segrêdo compartilhado por Dejean e Griбанov constituía um vínculo especial, pessoal, entre êles. O embaixador estava profundamente grato e sinceramente reconhecido ao general. O KGB podia aguardar até êle atingir a elevada posição que acreditava viesse em breve ocupar em Paris, antes de procurar qualquer paga da dívida oculta. Mesmo então, não tinha em mente uma confrontação brutal. Griбанov pediria delicadamente um favor em troca do que lhe era devido. Uma vez que Dejean agisse em favor do interêsse de uma potência estrangeira, ficaria

vulnerável a novas exigências. Assim, um favor conduziria imperceptivelmente a outro e mais outro até Dejean transpor o limiar da traição do qual não poderia haver retôrno.

Por enquanto a estratégia do KGB impunha somente que Gribanov alargasse e intensificasse sua amizade com Dejean. Quanto mais amigos ficassem mais fácil seria a abordagem final em Paris. Para manter o embaixador contente, Gribanov mandou Lydia voltar à companhia d'ele. "Dejean não gosta de viver em regime de Quaresma", comentou Kunavin com Krotkov. Com o nome de Gorbunov, Gribanov e Vera entretinham os Dejean com mais pompa do que nunca. Levaram-nos a uma dacha do govêrno no Mar Negro, a seguir numa viagem de duas semanas por áreas do Báltico normalmente vedadas a estrangeiros.

Nunca mais Gribanov aludiu ao caso com Lora. O embaixador, por seu lado, nunca se deu conta de que seu bom amigo Gorbunov, com quem se aconselhava e a quem confiava, era na verdade o General-Comandante da Segunda Chefia do KGB. Nem tampouco jamais desconfiou de que Lydia era uma agente que informava todos os seus atos e palavras.

Momento de Pânico

ENQUANTO Gribanov cuidava pessoalmente do embaixador, Krotkov e um bando de outros agentes do KGB continuavam a sondar a em-

baixada à procura de qualquer fraqueza que pudessem explorar. E no verão de 1961 encontraram uma. O Tenente-Coronel Louis Guibaud e Ginette, alvos dos primeiros dias da operação Dejean, tinham deixado a Rússia em 1958. Mas haviam regressado para um segundo período de serviço em Moscou, e microfones ocultos no apartamento d'eles dentro em pouco revelaram que brigavam freqüente e violentamente. Para o KGB isso foi um sinal para agir.

Tal como tinha feito com Dejean, o KGB expôs Guibaud a uma sucessão de andorinhas até que uma logrou atraí-lo. Tudo foi bem até o comêço do verão de 1962, quando Guibaud se defrontou com três homens em trajes civis. Corteses, porém indo direto ao assunto, espalharam diante d'ele uma coleção de fotografias chocantes documentando sua ligação. Em seguida deram-lhe uma escolha brutal: colaboração com o KGB ou execração pública.

Ginette logo percebeu que o marido estava seriamente transtornado. Poucos momentos após êle ter saído para o trabalho, a 30 de julho, ela ficou tão preocupada que saiu correndo atrás d'ele.

Pegando um táxi até ao gabinete d'ele perto da embaixada, encontrou-o caído no chão numa poça de sangue ao lado da mesa, com um revólver do lado. Quando Dejean foi chamado da embaixada, ela ainda estava ajoelhada debruçada sobre o corpo, soluçando e acariciando a face do marido.

Durante algumas horas a notícia da morte criou um quase-pânico na Segunda Chefia do KGB. Seu grande temor era que Guibaud tivesse falado da armadilha em que fôra apanhado, ou deixado um bilhete revelando-a antes de morrer. Uma vez que seus agentes descobriram nada haver nesse sentido, o KGB descontraiu-se. Clandestinamente espalhou pela colônia diplomática rumores de que o Coronel Guibaud era doente e se suicidara devido a uma depressão psíquica.

Ginette, vestida de negro, partiu de Moscou com o corpo do marido, que preferiu morrer a sucumbir ante o KGB. E êste retomou as operações normais contra a embaixada.

Compromisso de Silêncio

Após o suicídio de Guibaud, o KGB tornou-se quase impudentemente confiante no seu sucesso com Dejean. Vera, Melkumyan e até Griбанov referiam-se abertamente a êle como "nosso amigo". Vera falava àlacremente a respeito dos gran-



des dividendos que o KGB colheria de seu investimento, logo que Dejean se instalasse em Paris. Na realidade, porém, tôda a maquinação, tão astuciosamente planejada e executada durante anos, estava condenada. Yury Krotkov resolvera desvendá-la para o Ocidente.

Para Krotkov, a morte do Coronel Guibaud não foi suicídio, mas assassinato. Ela o forçou a tomar uma decisão com a qual vinha-se debatendo havia meses: escapar da sua vida de escritor de aluguel, burla diária e sordidez espiritual. Principiou secretamente a registrar e microfilmear a história de sua vida como agente do KGB. A 2 de setembro de 1963 desceu do avião em Londres com um grupo de turistas, todos êles escritores e artistas soviéticos. Onze dias depois executou sua fuga.

Os britânicos prontamente partilharam suas espantosas revelações com os franceses e os norte-americanos porque suscitavam questões graves que afetavam as três nações. Estaria Krotkov contando a verdade? Se assim fôsse, teria o KGB de fato ido muito mais além com Dejean do que êle sabia? Ou era Krotkov ainda um agente do KGB enviado para envenenar as relações entre aliados e desviar suspeitas de espões soviéticos importantes, lançando dúvidas sôbre um inocente?

Uma nota no *Le Monde* de 9 de fevereiro de 1964 anunciou que o Embaixador Maurice Dejean estava regressando da União Soviética. Dizia igualmente que as despedidas

dêle estavam sendo feitas "em ambiente de cordialidade, em parte devido às relações pessoais que Monsieur Dejean conseguira estabelecer com líderes soviéticos durante seus oito anos em Moscou". Como êle estivera tanto tempo lá, sua transferência parecia inteiramente normal.

Quando do regresso de Dejean, os especialistas de contra-informação franceses submeteram-no a um arrasador interrogatório secreto que durou vários dias. Estudaram minuciosamente todos os relatórios enviados por êle de Moscou. Interrogaram seus colaboradores, Madame Guibaud e uma grande quantidade de outros citados nominalmente nas narrativas de Krotkov.

Após analisar todos os dados, o serviço de informação francês concluiu que a história de Krotkov era verídica em todos os aspectos essenciais. Entretanto, não se podia encontrar prova de que Dejean jamais houvesse cometido qualquer ato de deslealdade para com a França. O KGB superestimava vastamente a influência de Dejean junto a de Gaulle. Ao aguardar que Dejean obtivesse uma posição eminente que de Gaulle nunca decidiu conferir-lhe, o KGB perdera sua oportunidade de explorar o domínio que possuía sôbre o embaixador.

Informados de que a história era verdadeira, os britânicos, sob cuja custódia Krotkov continuava, tinham de resolver o que fazer. Krotkov explicou exaltadamente que renunciara à sua cultura e à sua pátria

Descubra uma nova alegria.



Ajude alguém.

Ajude o Exército de Salvação a manter seus lares de meninos e meninas, de môças, de anciões, suas clínicas médicas e dentárias, sua farmácia, suas escolas, seu albergue.

O Exército de Salvação precisa de sua ajuda. Ajude.

Preencha e remeta o cupom abaixo para Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1573 - Caixa Postal 8631 - São Paulo - Tel. 37-1014 e 35-4924

O Exército de Salvação mantém: 8 Lares de menores; 1 Lar de môças; 1 Lar de Anciões; 2 Clínicas Médicas; 2 Clínicas Dentárias; 1 Farmácia; 5 Escolas; 1 Centro Social com albergue.



Desejo ajudar o Fundo Geral do Exército de Salvação, pelo menos com a importância de NCr\$ 25,00 por trimestre, que poderá ser cobrada trimestralmente, semestralmente ou anualmente (assinale a que mais lhe convier.)

NOME:

RUA:

CIDADE: ESTADO:

Enderêço para cobrança:

() Remeterei pelo correio.

(COLABORAÇÃO DE SELEÇÕES DO READER'S DIGEST)

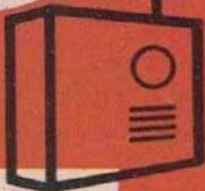
para, fazendo a revelação, limpar-se do mal que fizera.

Mas os especialistas em informação ocidentais ficaram atormentados com os efeitos potenciais da história, apesar de verídica. Frustrados e desesperados, haviam observado o KGB firmemente progredindo rumo à meta fundamental de afastar a França da Aliança Ocidental. Em Paris, agentes do KGB constantemente se esforçavam por reacender em de Gaulle velhos ressentimentos que êle nutria como conseqüência de suas freqüentemente difíceis relações de tempo de guerra com os anglo-americanos. Durante aquêles dias mesmo, quando Krotkov estava revelando sua história, o KGB buscava convencer de Gaulle de que os norte-americanos e os inglêss ainda estavam conspirando contra êle. Os britânicos receavam que, se êles permitissem divulgar a história, de Gaulle pensaria que êles estavam tramando contra êle, dessa vez ligando-o, através de um amigo, a um escândalo. Por isso arrancaram de Krotkov um compromisso de permanecer em silêncio.

Em Paris, de Gaulle estudou o relatório final do serviço francês de informação, e depois convocou o velho amigo a seu gabinete. Levantando os óculos e olhando por cima do grande nariz, êle encerrou o assunto com uma frase: "Com que então, Dejean, aprecia-se as mulheres!"

Dejean recolheu-se ao confôrto de seu apartamento elegantemente mo-

VAC



RAY

"as amarelinhas" - as pilhas mais vendidas no BRASIL

biliado num bulevar de Paris. Recusou-se—oficialmente—a fazer quaisquer comentários sôbre o que lhe acontecera em Moscou. Mas tornou-se presidente da Sociedade Franco-Soviética Para Cooperação Industrial e ainda viaja a Moscou.

Lora recebeu seu quarto e posteriormente casou-se com um de seus outros amantes.

Krotkov vagou de um lado para outro durante anos pela Europa, tentando escrever e esperando algum dia poder contar sua história ao mundo. Redatores do *Reader's Digest* pela primeira vez falaram com êle em agosto de 1969 em Viena, e depois entrevistaram-no intensamente nos Estados Unidos. Entrementes, êle forneceu à Subcomissão de Segurança Interna do Senado norte-americano mais de mil páginas de depoimento acêrca de sua experiência no KGB. Frequentemente parece preocupado com a perspectiva da morte e com uma busca espiritual de um deus. "Sei que haverá um dia de ajuste de contas e não espero contemplação", êle disse ao autor.

Hoje em dia em Moscou a maquinaria da Segunda Chefia continua a triturar estrangeiros, famosos e obscuros. Às vêzes ela procura sutilmente influenciar. Por exemplo, quando o ex-Presidente Achmed Sukarno da Indonésia visitou Moscou em agosto de 1956, uma adorável russa de 22 anos serviu-lhe de intérprete. Era Valya Reshetnyak, diplomada pelo Instituto de Línguas Estrangeiras e sedutora do

KGB recrutada por Krotkov. Dominado pelos encantos oferecidos gratuitamente, Sukarno tentou convencê-la a mudar-se permanentemente para a Indonésia. Valya recusou-se a ir. Mas ela permaneceu com êle durante suas subseqüentes estadas na União Soviética e até voou para Jacarta a fim de estar alguns dias com êle. Todo êsse tempo ela bajulou-o em nome da União Soviética e insinuou nêle idéias impostas pelo KGB.

Mais comumente, o KGB trata de alcançar o contrôle de um estrangeiro por meio de alguma forma de intimidação. Pouco depois de William John Christopher Vassall chegar a Moscou para servir como funcionário burocrático da Embaixada Britânica, o KGB identificou-o como homossexual. Através de uma série característica de engodos, foi atraído para um caso com um agente homossexual. Em seguida êste o ameaçou de expô-lo e processá-lo, a menos que se tornasse espião soviético. Assim, Vassall regressou a Londres como agente do KGB. Lá foi trabalhando e galgando várias posições burocráticas no Almirantado, onde por seis anos teve acesso a documentos secretos sôbre assuntos como torpedos e guerra anti-submarina, provas de tiro e ordens da esquadra. Até ser prêso em 1962, passou um número incontável de segredos britânicos para o KGB.*

Os russos fizeram do sargento do Exército norte-americano Roy A. Rhodes um espião, envolvendo-o

com uma andorinha e em seguida acusando-o de engravidá-la e ameaçando-o de conseqüências desastrosas se êle não os "ajudasse". Foram mais abruptos ao forçar uma lingüista visitante, Natalie Anna Bienstock, a colaborar. Quando Miss Bienstock estava em Moscou e procurou dilatar o prazo do visto em seu passaporte, foi levada a uma sala e deixada a sós com um homem que se identificou como Viktor Sorin, do KGB. Êle a convenceu de que não seria autorizada a sair da União Soviética salvo se consentisse em tornar-se uma agente. "Êle viu que eu estava com mêdo dêle. Quero dizer, como que paralisada, e sorriu", depôs posteriormente Miss Bienstock perante investigadores norte-americanos. "Êles simplesmente sabiam tudo, absolutamente tudo o que havia para saber a meu respeito. Foi devastador."

Após assinar um compromisso de trabalhar para o KGB, Miss Bienstock regressou aos E.U.A. e forneceu aos russos informações acêrca de pessoas do Govêrno norte-americano. Então, num dia de 1964, dois agentes do FBI bateram à sua porta e perguntaram: "Haverá alguma coisa que você gostaria de nos contar?" Aliviada, ela de bom grado contou todo o seu tormento às mãos do KGB.

* Êste caso pode ser lido em detalhes no Relatório do Tribunal de Inquérito Sôbre o Caso Vassall e Assuntos Correlatos (apresentado ao Parlamento pelo Secretário de Estado para o Departamento de Interior por Ordem de Sua Majestade, abril de 1963), Londres, Her Majesty's Stationery Office, Reprinted 1969, Command 2009.

Ocasionalmente o KGB arquiva dados obtidos numa armadilha para o caso de poder usá-los anos depois a fim de arruinar uma autoridade. E os que zombam das técnicas de armar ciladas do KGB como uma espécie de caricatura de espionagem fariam melhor levando em conta a experiência de um membro do Parlamento britânico, Anthony Courtney. Em junho de 1961, poucos meses após a esposa ter morrido, Courtney visitou Moscou a serviço. Numa noite, sua bonita guia da Intourist, Zinaida Grigoievna Volkova, apareceu em seu quarto no hotel e passaram algumas horas juntos. Era uma aventura efêmera, casual, entre dois adultos não casados. E Courtney em breve esqueceu-se do assunto.

No verão de 1965, Courtney eloqüentemente assinalou no Parlamento que nações comunistas se estavam empenhando em espionagem flagrante contra a Grã-Bretanha por intermédio do pessoal das embaixadas. Ele pediu para ser restringido o número de "cozinheiros" e "choferes" comunistas a quem era assegurada imunidade diplomática. Não muito depois um colega dele no Parlamento, John Tilney, mostrou a Courtney um volante do tamanho de uma folha de jornal. Nêle havia fotografias dele com a guia russa em vários estados de nudez que haviam sido mandadas pelo Correio para outros 24 membros do Parlamento, para jornalistas e para sua segunda esposa. Após algum tempo

uma revista publicou todos os detalhes da tentativa de difamação do KGB. Como consequência do escândalo daí resultante, Courtney perdeu a cadeira no Parlamento.

O KGB continua a empregar mulheres, homossexuais, drogas, agressão física e incriminações forjadas em seu trabalho contra o Ocidente.

O Governo britânico em 1969 ficou tão preocupado com isso que publicou um documento oficial alertando sobre os perigos que o KGB representa para todos os turistas. Um professor norte-americano, Robert F. Byrnes, que durante longo tempo auxiliou o intercâmbio acadêmico com os russos, queixou-se publicamente no *Times* de Nova York em novembro de 1969 a respeito das provocações do KGB contra intelectuais norte-americanos visitantes. Declara o FBI: "Os soviéticos nunca hesitam em empregar chantagem. Sexo constitui um campo particularmente propício. Súbitamente o visitante é confrontado com fotografias constrangedoras, e obrigam-no a cooperar. É trágico quantos se tornam prêsas dessa técnica."

A maioria das vítimas do KGB não têm coragem de revelar as humilhações que suportaram. Desta forma, o público raramente ouve a respeito das ciladas dos soviéticos a menos que um agente deserte ou falhe numa operação. Só o KGB sabe quanto sucesso tem tido na guerra secreta que trava contra estrangeiros que caem em suas mãos.

(Tradução de Octavio Alves Velho)



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Se para v. beleza não é tudo, temos mais êstes 10 argumentos para convencê-lo.

- 1 Duas portas e amplo espaço interno, para 5 pessoas viajarem confortavelmente.
- 2 Dois porta-malas. Lugar de sobra para a bagagem (611 litros), com uma vantagem extra: o porta-malas interno tem acesso por fora.
- 3 Traseira em "fastback". Acabamento interno digno de seu desenho: em superluxo.
- 4 Motor plano 1600, de 65 HP (SAE), com 2 carburadores.
- 5 Barra compensadora e bitola larga atrás. Freios a disco nas rodas dianteiras.
- 6 Faróis duplos na frente e luz de ré.
- 7 Mecânica Volkswagen.
- 8 Mecânica Volkswagen.
- 9 Mecânica Volkswagen.
- 10 Mecânica Volkswagen.

VW 1600 TL



ESTE CARRO É O MESMO QUE ESTARÁ EXPOSTO NO 7º SALÃO DO AUTOMÓVEL



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Exija porta-malas na frente, porta-malas atrás e mecânica VW. Não aceite limitações.

Não existe coisa mais alegre do que juntar a família toda, a bagagem toda e pegar uma estrada.

Não existe coisa mais triste do que ficar no meio da estrada.

Por isso, v. deve exigir mecânica Volkswagen. Ela garante idas e voltas tranquilas, mesmo que seu passeio seja por estradas nada tranquilas.

Ela garante manutenção econômica (sobra mais

dinheiro para as férias).

Ela garante vida longa para a Variant e vida alegre para v.

Mas, além de mecânica, v. deve exigir espaço. Dois porta-malas. Um na frente, outro atrás.

A Variant tem dois porta-malas. Quando v. se cansar de pôr bagagem atrás, tem ainda o porta-malas da frente sobrando.

Nenhuma perua pode lhe oferecer mais espaço

que isso.

Nem tanto conforto interno, com seus bancos macios, seu acabamento primoroso.

Por tudo isso (mais os novos faróis duplos e o novo desenho do capô), v. deve exigir Variant. Não aceite limitações. Nem imitações.

VARIANT





© Ford-Willys 70.1550

Mulher tem mania de segurança.

A Rural Ford também. Segurança para as crianças que ela leva e traz da escola. Quem dirige a Rural tem a segurança do motor dianteiro.

As mulheres têm mania de economia. A Rural tem um motor de 6 cilindros valente e econômico. Faz mais de 6 quilômetros com 1 litro de gasolina.

A Rural custa menos que o Ford Corcel e um

pouco mais do que um carro pequeno. E é resistente como um Jeep.

Mulher também tem mania de conforto. A Rural é confortável e fácil de dirigir como um automóvel de luxo.

A Rural tem conforto até para 8 pessoas. Basta colocar o 3.º banco (opcional).

A direção é leve. A suspensão é macia. A mudança de marcha é suave.

A família tem mania de passear. A tração em duas ou quatro rodas leva a Rural até onde outros veículos não conseguem chegar. Em qualquer estrada. Com qualquer tempo.

A Rural é Ford. A Ford tem mania de qualidade.

Quando você compra um Ford você ganha a melhor rede de Revendedores espalhados pelo país.

Em 1970 a Ford-Willys dá a você o privilégio da escolha. Você também poderá adquirir a Rural Ford através do Consórcio Nacional.

RURAL 